umero 745 DOMINGO, 13 de Fevereiro de 1898 Anno XIV

O OVARENSE

JORNAL POLITICO, LITERARIO E NOTICIOSO

Anno sem estampilha. . . . 1$000 reis
Semestre sem estampilha. . . 500 reis
Anno com estampilha. . . . 1$200 reis
Semestre com estampilha. . . 600 reis

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Proprietario e Editor— Placido Augusto Veiga

Annuncios cada linha. . . . . 50 rs.
Repetição. . . . . 25 rs.
Communicados, por linha . . . . 60 rs.
Os srs. assignantes teem o desconto de 25 p.c.

Garantias individuaes

Em Coimbra alguns rapazes lembraram-se de dar vivas á chegada dos companheiros, que tinham vindo ao Porto commemorar o 31 de janeiro. Tanto bastou, para que o commissario de policia d'aquella cidade, mandasse a torto e a direito distribuir pranchadas sobre os manifestantes, praticando em seguida actos de selvageria inacreditaveis, invadindo o domicilio dos particulares, como se estivessem suspensas as garantias.

Isolado, este facto é nada. Que um commissario de policia, um administrador do concelho, ou qualquer outra auctoridade pratique abusos no exercicio das suas funcções, ou porque não comprehende a lei, ou por manifesta incompetencia do logar, que occupa, pouco representa no corpo social; porque deve haver superiores, que facilmente o reprimam ou demittam e lei que o faça entrar no cumprimento dos seus deveres e o obrigue a responder pelos processos commettidos.

Mas o caso de Coimbra está n'outras condicções. O commissario chamado ao governo civil para pedir licença imposta pela auctoridade superior do districto, recalcitra, affirma o seu direito de continuar na pratica de identicos actos e colloca-se por detraz da realeza como um seu defensor. E logo a imprensa monarchica opposicionista appoia incondicionalmente o *strenuo defensor da monarchia*, o heroe de Coimbra que invade o domicilio dos rapazes, sem formalidades mais do que o seu poder dictatorial.

Isto é deveras grave.

Porque um commissario de policia ou um administrador do concelho se constitua em defensor *sive bene, sive mal* do regimen estatuido, póde praticar toda a casta de tropelias, exercer as maiores violencias porque está defendido. Não ha para elles lei, nem garantías individuaes. D'este modo um qualquer agente de auctoridade administrativa tem força superior a todas as outras auctoridades, que não podem praticar qualquer acto senão auctorisadas pela lei: tem força superior á propria lei, que garante ao cidadão um domicilio inviolavel!

Triste doutrina, desgraçada defeza!

Mas em que fica a carta fundamental da propria monarchia de que o commissario é o *defensor?*

*

O commissario julgava-se nos tempos da dictadura permanente do sr. João Franco. Já em Coimbra tinha praticado eguaes gentilezas. Mas sustentando essas violencias estava o então ministro do reino, o partidario da reforma da policia de Lisboa, onde o juiz instructor podia conservar sem culpa formada, mesmo um cidadão pelo tempo, que lhe approuvesse.

O sr. João Franco tornou a policia um segundo poder do Estado. Não admíra que o commissario de Coimbra, abusasse, se constituisse em espadachim da monarchia, acutilando sem mais e sem menos, para que lá em cima fosse visto bem e subisse.

O actual governo entendeu e bem, que todos os abusos praticados sob qualquer pretexto, mereciam correctivo: que era necessario pôr cobro a scenas quichotescas, que servem para desprestigiar a nação abalada no seu credito, por causa dos desvarios comettidos.

Por isso mandou a Coimbra, como governador civil interino, um cavalheiro intelligente, liberal e illustrado, afim de pôr cobro á desordem, syndicar dos acontecimentos e dar a todos, auctoridades e particulares, uma reparação digna.

Se os estudantes realmente cometteram crimes, devem responder nos tribunaes; se o commissario exhorbitou, deve ser demittido e mandado para o tribunal responder pelas suas façanhas. A cada um o que é seu.

*

E quanto á defeza da monarchia, nada mais disparatado e sem razão.

Ninguem comprehende que se defenda a monarchia á pranchada e ás violencias contra os rapazes:—os rapazes que serão os homens do futuro. Já agora por detraz de si teem elles as suas familias, que só pódem desesperar-se contra as barbaridades de que elles são victimas. Appoiando os homens d'ámanhã, estão os homens d'hoje para os quaes a mocidade estudiosa é uma esperança, que sobrenada por sobre este mar de lama em que se afoga a sociedade portugueza.

Entre os estudantes de Coimbra e o commissario Ferrão, o governo não deve ter duvidas em optar.

No concelho

Dissémos um dia á camara municipal que devia olhar com attenção para o futuro do concelho, pelas difficeis circumstancias em que se podia encontrar. A' lealdade com que fizemos esta declaração e incitamento, respondeu-se do outro lado com uma insidia ao articulista d'este jornal, na qualidade de vice-presidente da camara transacta.

E pergunta-se qual a rasão do futuro precario do municipio depois da alienação da madeira da Estrumada e da venda dos terrenos, medidas postas em pratica pelo referido vice-presidente.

O articulista, ou o vice-presidente d'essa vereação, nunca affastou de si a responsabilidade moral e effectiva da venda da matta e dos terrenos. Pelo contrario sempre declarou que foi devido a instancias suas que se fizeram os primeiros córtes de lenha, que fatalmente haviam sido seguidos por outros: sempre advogou a necessidade da alienação dos terrenos municipaes, primeiro pelo systhema da venda e depois por meio d'aforamento. E tanto advogou essa venda como vereador, como já depois d'isso, sendo por instancias suas que a camara chegou a designar dia para o aforamento no anno passado.

Fique, pois, assente que o dr. Francisco Fragateiro acceita a responsabilidade completa d'essas medidas e entende que foi esse um dos melhores serviços prestados ao municipio durante a gerencia da camara de que fez parte.

Não vale agora a pena justificar essas medidas, porque já teem a sua plena justificação na opinião publica; e se não basta olhar para o grande numero de trabalhadores, carreteiros e artistas, que andam empregados durante a estação, que era, até ha poucos annos, completamente morta para os salariados.

E' facil ver d'onde ha-de sahir a má situação futura do municipio.

Todos os empregados da camara são precisamente pagos, além de que não ha sequer o numero d'elles bastantes. Fazemos excepção para os guardas da Estrumada, que além de ser os empregados relativamente mais bem remunerados, são de mais. Se se pozessem em pratica os aforamentos, tal como a camara havia votado, eram todos dispensados.

Portanto, pondo de lado os guardas, nenhumas economias se pódem fazer em empregados municipaes. Reduzir outras despezas não é possivel, antes teem de ser augmentadas, como as da illuminação publica, que é insufficiente; a do hospital, tambem insufficiente. O augmento d'estas duas verbas, e bem assim a de viação, encontra a sua justificação no augmento da localidade e dos individuos.

Emquanto as despezas tendem a crescer, as receitas baixaram e continuam a baixar muito. A principal fonte de receita da camara era o imposto do real d'agua sobre o vinho e carne. Este imposto que rendia annualmente 12.000$000 reis, foi baixando até 7:000$000 reis. E como á camara foi prohibido continuar a lançar e cobrar o antigo imposto, este teve de ser lançado com menos percentagem em todos os generos sujeitos ao real d'agua; por fórma que no anno passado rendeu pouco mais de 5:000$000 reis e este anno ainda baixará. Apparece, pois, uma differença annual de reis 7:000$000 nas receitas municipaes. D'onde ha-de vir esta differença para contrabalançar o orçamento?

Ainda ha mais—o governo carregou sobre o concelho d'Ovar com 6:000$000 reis para instrucção, afóra uma verba de 280$000 reis annuaes e além d'uma outra importante verba para despezas de cazas, mobilia e utensilios de escholas, muito aggravado.

Para saldar esta divida de 6:000$000 reis e ainda para cobrir o deficit de 7:000$000 reis annuaes tem a camara por emquanto a Estrumada. Mas depois d'esta desapparecer?

Eis o fundamento das nossas apprehensões e porque pediamos a attenção da camara sobre este assumpto.

De quem foi a culpa das receitas baixarem, dos impostos renderem 6:000$000 reis em vez de 12:000$000? De a camara ser onerada agora com um encargo de 6:000$000? De ninguem.

Foi para atalhar ao desequilibrio financeiro do municipio que o dr. Francisco Fragateiro insistiu pelos aforamentos, que haviam de produzir uma renda superior á differença das receitas actuaes sobre as antigas. Era um remedio efficaz e permanente. A camara deixava de ter embaraços no futuro e o povo teria trabalho.

Não se fizeram no anno passado, hão-de fazer-se breve, por esta ou por outra vereação. A não ser que os vereadores optem por lançamento de novos impostos.

Esta é a verdade.

CARTA DE LISBOA

Lisboa, 10—2—98.

A França, a capital do mundo e da civilisação, a que em todos os tempos, atravez os seculos, tem sido apontada como facho do progresso humano; a França, que nos deu na Revolução o exemplo inemitavel da força humana... estampou agora lá no cimo da torre Eiffel o pasquim com que insulta essa civilisação... e a do seculo XIX —o seculo das luzes!!

Lá nos tempos remotos, que a historia se encarregou de chamar barbaros, viam-se os romanos, desde Caligula a Trajano, de Trajano a Commodo, tendo por ministros Perennis e Cleandro em cruel e sangrenta perseguição aos christãos, que abraçados á cruz e sorrindo a Deus, entoavam hymnos de perdão para aquelles que tão barbaramente os esquartejavam ou lançavam ás fogueiras, feitas nas praças, onde a multidão mais tarde, comprehendendo o quanto havia de grande e elevado na religião que assim mandava morrer os seus filhos, se vinha por seu turno lançar; lá n'esses tempos, diz-nos a historia, que se fazia isso e hoje tambem se faz ou cousa identica: correm-se nas ruas de toda a França, saqueiam-se as lojas, matam-se covarde e indignamente os descendentes d'esse povo que teve na historia o crime do Golgoth; esse povo, por quem Jesus Christo, ao expirar, disse: «Perdôa, oh pae, que não sabem o que fazem»; esse povo que foi por nós, portuguezes, repellido e perseguido nos tempos feudaes de D. Manuel, é hoje no seculo da egualdade e fraternidade, julgado como nos autos da antiga Roma e lançado no circulo dos leões.

Como a humanidade é!

Como as multidões, que julgamos pouco e pouco civilisadas pelo rodar dos tempos e progresso das idéas se assemelha ao vulcão que deixou seccar, depois da erupção, a crusta exterior para mais tarde romper e mais furioso ainda.

No Oriente, em que a Turquia, escarneo lançado ás portas da Europa, aniquila a pobre Grecia que n'um impulso que, se materialmente a esmagou, moralmente a fará recordar como descendente d'esse povo que outr'ora mereceu o ser hoje admirado pela civilisação que então elaborou, pela valentia com que desbaratou em Marathona e Syracusa os barbaros que o eram para elles como hoje os turrcos para nós. A titulo da manutenção do depauperado statuo-quo, vae-se alimentando pouco e pouco, dia a dia, aquelle covil de Mahometanos.

Outr'ora julgou a Russia devel-a destruir pela constante oppressão que ella fazia nos Balkans... mas hoje pouco importa a essa nação, como ás outras, que um povo gema sobre a mão do tyranno, contanto que ellas gozem e os seus dirigentes riam: Felix Faure na Russia, o Tzar em França.

E por hoje não quero mais; a minha vista cança e perde-se n'esses lodacaes longiquos, onde vejo debater-se a pobre humanidade; nada... mal por mal, antes o nosso cantinho; este, como diz o poeta:—«Jardim da Europa á beira-mar plantado».

— O incidente parlamentar sobre a *falsificação* do parecer da commissão do ultramar, foi liquidado—ficando toda a responsabilidade á *habilidade* do sr. Marianno de Carvalho.

— O grande motivo de sensação agora será o projecto para a conversão. A' primeira vista as exigencias da opposição parecem sérias e rasoaveis. Se por detraz d'ellas está a politica e a habilidade, não sei.

— Em poucos dias haverá recomposição ministerial, segundo ouço afirmar. Em verdade, não sei para que. Só se é para sustentarem e darem credito ao governo com a entrada do sr. Elvino de Brito.

d'Arruella.

Vinhos portuguezes no Brazil

O ministro da fazenda da republica dos Estados Unidos do Brazil ordenou, em attenção ao grau alcoolico da ultima colheita vinicola, que os nossos vinhos até á graduação alcoolica de quasi 16 graus, tenham entrada no Brazil com pagamento da taxa minima.

Padre Coentro

Partiu na manhã de anteontem para Lisboa, o nosso dedicado amigo sr. Padre Manuel Gomes Duarte Pereira Coentro.

Fallecimento

Falleceu na tarde de terça feira em Lisboa, depois de ter soffrido uma melindrosa opperação, o pae do nosso amigo sr. dr. Annibal de Vasconcellos, digno administrador d'este concelho

A s. ex.ª os nossos sentidos pesames.

«Revista Agricola»

Com este titulo, começou a publicar-se no Porto, uma excellente revista mensal, orgão dedicado aos interesses, progresso, fomento e defeza da agricultura portugueza, tendo como proprietario e director o sr. dr. Antonio José da Cruz Magalhães, e collaborada por muitos distínctos agronomos, lentes, chimicos, agricultores e proprietarios do paiz.

O annuncio d'esta importante publicação vae na 4.ª pagina.

«Desenho sem mestre»

E' o titulo de uma folha artistica, escolar e das familias, que começou a publicar-se quinzenalmente em Lisboa=Gampolide, sendo seu redactor o sr. Ernesto de Seabra.

Esta publicação destina-se a facilitar a expansão do estudo do desenho em geral e ao desenvolvimento do talento artistico e gosto pelas bellas artes.

Preço avulso 60 reis; anno (24 numeros) 1$100 reis. Assigna-se em Campolide—Lisboa e vende-se nas principaes papelarias e livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

UMA MORTE

O dia é de luto nacional; nasceu como predestinado e do ceu pard cento e ensombreado por negras nuvens, dimanava uma tristeza lugubre por uma aragem quente e estonteante. O sol rompendo a custo a densa athmosphera, espargia uns alquebrados raios, dourados, sobre tão insolito conjuncto negro: era como a cobertura d'ouro sobre o esquife-azeviche da eça funeraria.

Nas ruas, desusada agitação; nos cafès, completa ausencia; manifestamente havia algum acontecimento que imprimia á usualmente, alegre, população das margens do Tejo, um cunho melancholico e repassado d'uma mal disfarçada amargura. Em todos, o desalento a ensombrear-lhe o rosto; em todos, a anciedade a enervar-lhe a vista.

Olhavam-se como interrogando-se e ao ceu como temendo-o.

Subito, ouve-se uma marcha funebre e um movimento vulcanico percorre toda a turba inquieta; ve-se surgir ao longe uma cruz dourada: è certamente um enterro, dizem-n'o todos, e todos se approximam para mais depressa o verem, mas não pódem, que a massa compacta de povo é formada atè là.

Quedam-se então e uns e outros alvitram a morte d'um ministro, d'um sabio e talvez, diz uma voz mais vibrante... morresse o Portugal heroico Mousinho d'Albuquerque; depressa, porém, repellem essa hypothese, pois jà o cortejo se approxima. Não é a espada que lampeja, não é o dobrão d'ouro que brilha no chapeu diplomatîco. Não foi Mousinho que morreu; passa o cortejo, todos ajoelham e pelas suas faces pallidas e trementes perpassa um clarão de agonia e de desespero; descobrem-se e suas mãos nervosas vacillam ao tirarem o chapeu: è talvez um sonho; uma mystificação de que todos estão sendo victimas. Curvam scismaticos a cabeça e atrophiados quando ao levantal-a, buscam a triste realidade do que julgam sonho, apenas veem ao longe a caminho do Eterno, ensombreando o futuro, uma nuvem negra da qual se destacam uns pontos luminosos que devem ser os cyrios.

. . . . . .

A' noute todos ainda sob a pressão de tão mysterioso dia arrancam, quasi brutalmente, os jornaes das mãos dos seus vendedores: veem-nos todos tarjados de negro luto e em grossas letras funebres de que ensana a melancholia da saudade, encimadas por a symbolica cruz do Redemptor:

MORREU ROBERTO IVENS

E mudas, tendo no rosto a concentração da dor, dirigem-se para suas casas a confiarem á quietação do lar a amargura das suas almas.

. . . . . .

Morreu Roberto Ivens: a encarnação fulgida da patria; o norte bello do seu esplendor.

. . . . . .

O que deveria ser o seu enterro.

d'Arruella.

CHRONICA

Ovar, 10—2—98.

Abençoado paiz, este, o nosso, onde se não sente, nem os frios extremos do Inverno, nem os calores excessivos do Verão.

Parece o anno todo, uma Primavera continua. E fallam-nos ainda, alguns d'esses nossos compatriotas estrangeirados, da Italia, da Suissa!... como se aqui, n'este cantinho da Europa, não nos cobrisse nunca, um Céo puro d'azul, ou não sentissemos a deliciosa frescura d'essas brizas, coadas pela exuberante vegetação dos nossos valles e collinas.

Se esses que só acham *bonito, poetico, atrrrahente, arrrebatadórr*, como elles dizem, com arremeços piégos d'estrangeirada pronuncia; se esses que só acham bellas essas terras, percorressem bem estas nossas pequenas villas e aldeias, não cahiriam, decerto, na troça assaz justa e bem merecida, de todos que conhecem as bellezas d'este nosso torrão que nos viu nascer. E eu que nasci, n'uma terra pobre, sim, mas cheia d'encantos naturaes, em que a belleza terrestre tão bem se allia á belleza feminina—não desfazendo no genero forte—; eu que consideraria esta terra um pequeno paraizo, se não fosse... Oh! Numes... oh! gentes... perdoae-me!... se não fosse a—*má lingua e inveja*—que no geral aqui se nota; eu, com franqueza o digo, não tenho medo à *maledicencia* que já é chronica; e mais, e mais tenho amor á terra que me foi berço.

A's vezes, em dias como estes, de plena luz e Céo sem mancha, atiro-me por esses campos fóra, e por ahi erro uma tarde inteira, contente, satisfeito, pelas felizes horas que passei. Não ha palmo de terreno que não conheça, panorama que não adore.

Quantas recordações passadas, me ligam a todos esses sitios; a quantas cogitações me entreguei, no remanço dos seus arvoredos. Amo o campo, mas não deixo tambem esquecer o nucleo—a villa.

Aqui a qualidade de sensações é outra, não menos attrahente e seductora, para quem sabe aproveitar o tempo. Se no campo ha risonhas paysagens, que nos empolgam os sentidos, deliciando-nos a vista, aqui, por entre as ruas tortuosas e estreitas, a vista não menos se delicia e gosa.

Ha certas ruas então, porque tenho o meu fraco. N'umas encontro a pura feição romantica e lasciva. N'outras a presumpção e conhecimento da sua belleza.

Pelas primeiras passa-se, e o que se vê? Olhos languidos e commovidos, concentrados nas paginas d'algum pequeno romance; em geral, amoroso. Esses olhos, ao ruído de passos que se approximam, erguem-se; e não poucas vezes, entre um relampago de mal disfarçada sensualidade, perturbam-se e fixam-se. N'elles se póde ler ou traduzir toda a doutrína do romance.

Nas segundas, a gargalhada predomina em grupo, nos lumiares das portas. Passa-se; tudo olha com ar de desafio. Mas se mais tarde encontramos uma do grupo, só, o olhar baixa-se e confunde-se. N'uma terra assim, como esta, em que, no geral, a mulher é tão propícia ao amor, em que só olhal-a se sentem arrepios sensuaes de mal contida reserva, haverá alguem que se aborreça. Ha; porque a alguns amigos, tenho ouvido dizer que se aborrecem!!! Pasmo ao ouvir tal *blasphemia*, e pergunto a mim mesmo, se são rapazes, mas de rapazes cheios de vida e... calor, que ouço isto.

Que as lindas tricaninhas cá da terra, não leiam isto, aliáz tendes, seus aborrídos, os creditos perdidos.

Perdoae, gentis patricias, este appello à vossa formosura, mas não posso, ante este indifferentismo vergonhoso da mocidade vareira, deixar callar, no meu intimo, o enthusiasmo que sente e sempre sentiu por vós este vosso admirador.

Narcizo Gomes.

Litteratura

GAIATA...

Não havia na aldeia camponeza,
Que, como a Annita désse que fallar;
Tinha assim certos modos de duqueza
Que em tres legoas, ali em redondeza,
Não era nada facil de encontrar.

E esperta!... isso então!—Tinha aprendido,
Sem as sabias lições do mestre-escola,
A ler livros d'um primo fallecido
=Uns livros de papel apodrecido=
Que diziam que o mundo era uma bola!

Namorados, então... eram aos centos!
Fosse ao romper da aurora ou ao luar
A Annita ia incutindo desalentos
Nos corações asperrimos, sedentos,
Dos rapazes mais bellos do logar!

Levava tudo a rir, a desalmada,
—Tanto fazia ver lagrimas de dôr
Como ouvir uma supplica inflammada:
=Tinha sempre uma grande gargalhada
Como resposta às confissões d'amor.

E não sei o que fez ao padre cura
Que o pobre do velhote já ao cabo
Vendo-a passar, sentia uma tontura,
Dizendo em mixto d'odio e de ternura:
=Isto não é mulher, é o diabo!..

D. João de Castro.

AO ANTONIO GARCIA LEANDRO

«Là ao longe, entre os campos vicejantes, eu vejo correr livre a poetica felicidade e penso».

d'Arruella.

Leandro era a personificação da bondade, a ponto de, por vezes, os seus companheiros lhe darem o epitheto de «parvo», caracteristico da sua extrema condescendencia. Elle era pintor de portas e janellas.

Era bello, mas d'uma belleza viril, tendo imprimida no rosto a constancia e rectidão do seu caracter. Nascera pobre; o seu padrinho, que era o honrado regedor, educara-o, ensinando-o a ler e mandava-o todos os dias a Coimbra a aprender o officio que ora tinha.

Era intelligente e superior ao meio em que vivia, custava-lhe a conformar-se com aquella mediocre posição.

Ao acabar o seu trabalho, emquanto os outros iam na loja da Cruz gastar o pão da mulher e dos filhos em ruidosa orgia, elle recolhia-se a casa... uma casinha pequena situada na verdura campestre d'um pequeno monte; ahi ora lia, ora escrevia, entregando-se sempre á melancholia d'um viver monotono.

Era ambicioso; sentado á porta da sua casinha, elle idealisava, ao luar prateado da lua que passava lá em cima, os meios de chegar a ser alguem... elle o pobre pintor de portas e janellas.

— Se eu fosse pr'a Lisboa, pensava elle, talvez lá n'essa cidade impregnada de progresso, eu encontrasse alguma cousa em que a fortuna me sorrisse.

E assim pensando... o somno cerrava-lhe as palpebras que se reabriam de manhã, quando nem o sol brilha, nem o rouxinol canta, para começar de novo a sua tarefa.

Não tinha familia, era só; seus paes, que tão parca amisade lhe haviam tributado, morreram muito cedo, tinha elle uns 10 annos; seu padrinho tambem já pagara á lei de Deus o seu tributo eterno; não tinha portanto nada que o prendesse á terra onde nascera.

Aconteceu um dia em que o sol nascera fulgido e brilhante e a natureza bella e aprasivel, que o seu *mestre* o mandou a uma casa fóra da villa a retocar uma casa em que vivia o cirurgião, homem velho, de aspecto severo, caracter rigido e altaneiro, tendo muito em veneração o nome fidalgo de seus avós; tinha elle duas filhas, uma era Rosa;

outra Carmen,

Rosa era a mais velha, com quanto fosse bonita, não tinha o encanto e vivacidade que emanavam dos labios de Carmen.

O pobre Leandro, que apesar dos seus sonhos, nunca sahira de entre as rudes camponozas e dos bons dos camponios, ficou maravilhado e a sua imaginação, a sua alma poetica e boa ao contacto d'aquella fada, e elle só as conhecia das mil e uma noutes; todo o seu sêr estremeceu e quedou-se a contemplar aquella fragil florinha.

Carmen, como dissemos, era bonita e a romantica imaginação do seu idear poetico, tambam aspirava mais que o perfume agreste dos campos e o rolar monotono da rola. Ambos eram bons... mas ella era a filha do doutor, do fidalgo e rico; elle o pobre pintor de portas e janellas.

Ambos aspíravam... ella ao logar que a sua nobreza e abundancia de meios lhe facultaríam n'uma cidade grande ao brilho da riqueza, comquanto não fosse vaidosa... elle aos meios de se dirigir tambem a uma cidade onde pudesse ser ajudante d'algum escriptorio, assentar praça e ser algum dia sargento, e talvez, suprema aspiração da sua alma boa, ser reporter d'alguma gazeta e o seu nome vir nos jornaes. Emfim, ella, nobre e rica... elle, plebeu e pobre.

Mas ella era boa e ao vel-o tambem estremeceu e aos seus labios meigos de cecem assomou a vermelhidão e sentiu-se pequena ante aquelles olhos negros, de largas e espessas sobrancelhas.

Devia concluir o retoque da casa em 3 dias e estava n'isso o seu interesse, mas já ia no 5.º e ella ainda não estava concluida; apresentava-se regularmente vestido com um correcto facto preto e a sua gravata domingueira; a sua cabelleira encaracollada, cahindo-lhe até ao pescoço, dava-lhe o typo soberbo d'um artista... mas elle era mais que artista, era um apaixonado. Ella recebia-o bem e a sua alma condoida não via mal em o fazer com bastante familiaridade.

Chegou um dia, emfim, em que os seus labios, unindo-se, exprimiram n'um longo e demorado beijo o turbilhão vulcanico que irrompia dos seus corações.

O cirurgião, o velho dr., nem sequer lhe perpassava pela mente ter de pôr fóra da porta o pobre artista. Rosa, toda entregue ao governo da casa, não ligava importancia ao que sua irmã fazia.

Assim podiam elles fallar sem muito receio de serem surprehendidos. Amavam-se e tanto que não cabia n'aquellas almas isemptas até ahi de commoções o convulsionamento de tão grande amor.

Quando regressava a casa... á sua casinha branca entre a verdura agreste do pequeno monte, rezava pelo caminho o credo com fervoroso culto, esse credo vivificante das almas boas e apaixonadas.

(Continua).

Fevereiro de 1898.

d'Arruella.

EM ESPINHO...

N'esta vida que ora começa nunca ninguem tivera um alvor d'um sorriso nem um sorriso n'um olhar.

Eu nunca, como tantos outros, vira amadurecer debaixo do meu halito ambicioso e poetico tantos sonhos que rodeiam uma infancia desprovida das grandes dores e infortunios. Nunca...

Nunca eu vira a mulher que em sonhos, debaixo do meu docel, com os olhos cerrados e em concentração muda eu idealisava. Nunca; não a encontrando eu passaría as noutes, as noutes bellas de nuvens braseadas, a conversar debaixo do bafejo do seu halito e do magnetismo do seu olhar!

Nunca e contudo eu procurava! Quando n'algum theatro eu dirigia os meus olhares aos assistentes dos camarotes, era a ver se achava a realidade dos meus sonhos.

Quando n'algum salão onde a fugaz dança me chamava, eu escolhia um par e procurava sempre n'elle encontrar a alma boa d'aquelle anjo que eu tambem sonhara.

Mas nada! Ou Hébe me não protegia, ou Arcano me votára odio.

«Ter fé e esperar» li eu um dia n'um livro de Alexandre Dumas, era elle se bem me lembro o «Conde de Monte Ghristo» e ao acabar de ler aquellas linhas eu repeti tambem «Ter fé e esperar».

Esperei! tive fé e encontrei.

Entrava eu n'um café; foi em Espinho, quando ao vicejar da Natureza se juntava a aprazibilidade da epocha.

Julguei que sonhava, como nas minhas noutes debaixo do meu docel; tocava-se um trecho de musica, um lampejo admiravel, lembro-me, da arte de Mozart, e eu, que abríra a porta, sentí-me estremecer e uma vertigem desconhecida percorrer-me e abalar-me.

E' que o meu anjo, a minha alma boa, a symbolisação intacta dos meus sonhos poeticos, levantára para mim os seus grandes olhos... olhos bellos.

Olhei tambem, quando mais senhor de mim; quiz contemplar o quadro, a ver se a minha imaginação era productiva. Não era obra do mundo; era divina, de Deus.

Amei-a e amo-a ainda muito, não sei se sou correspondido n'esta fremencia, mas descança onde quer que estejas, não tenho a ambição do teu amor mas só do teu olhar, porque só d'elle vivo.

Lisboa— Fevereiro de 1898.

d'Arruella.

IMMORTALIDADE DA ALMA HUMANA

Credo vitam æternam.

Symb. Apost.

(Continuação do n.º 743)

Ultimamente a immortalidade da nossa alma recebe um testemunho irrefragavel da crença universal do genero humano. E' um facto attestado pelos annaes dos povos antigos e modernos, que a crença da vida futura foi sempre a do mundo inteiro. Nos auctores que escreveram sobre esta materia, encontrareis compilladas as passagens mais positivas sobre a fé dos povos antigos, Egypcios, Caldeos, Indios, Gregos, Romanos e Germanos.

Que outra cousa indicam as apotheoses, os delirios da metempsycose, o Eliseo e o Tartaro da mythologia pagã? Emquanto aos povos modernos bastam as relações dos viajantes, que visitaram as diversas partes do globo mundo. A fé da immortalidade existia no novo mundo antes de Christovão Colombo ahí abordar. Achamol-a estabelecida d'uma, á outra extremidade d'America, em certas regiões mais vaga e mais obscura, em outras mais desenvolvida e mais perfeita: mas em nenhuma parte desconhecida, disse o illustre Robertson.

Ora, a quem não fará impressão este accôrdo universal das nações e dos seculos? cousa extraordinaria! Os nossos sentidos nada nos dizem da nossa existencia futura, e da permanencia das nassas almas depois da morte do corpo; aos nossos olhos o homem parece morrer todo inteiro como um bruto, no exterior nada mostra entre elles a differença. Vê-se nascer o homem, viver e morrer, como o resto dos animaes: parece que, segundo o que fére continuamente os nossos olhos, o genero humano deverá inclinar-se para o materialismo mais completo.

D'onde nasce, pois, um pensamento tão extraordinario, como o da immortalidade das nossas almas? Não é outra razão, se não porque o auctor da Natureza collocou em nossas almas este sentimento, assim como n'ellas collocou a intelligencia e a humanidade; o qual tão impossível nos é arrancar de nós, como de nos privar da razão, e do pensamento. Concluamos, pois, que o tumulo não é o termo da vida humana; que a alma que em nós pensa e vive, não morre; e que este coração que suspira apóz da felicidade e esta intelligencia que suspira apóz da verdade, serão emfim satisfeitos. Quanto são consoladores, quanto são sublimes e arrebatadores os destinos do homem chamado a viver além de todos os tempos! Assim, como dogma da immortalidade da alma, a desgraça é consolada, a virtude animada, o vicio reprimido, a Providencia justificada e o homem e o mundo moral explicados. E' á maneira d'uma cadeia mysteriosa, que desce do throno do Greador até nós, para unir a terra ao céo, o homem ao seu Deus e o tempo á eternidade.

Eternidade! Se todos os homens meditassem attentamente n'esta palavra, por certo que a humanidade não estaria tão decahida, nem diria o contrario do que este assumpto trata e certifica.

Ainda haverá quem duvide d'esta verdade tão sublime?..

Deus, miserere nostri.

Terminou.

B.

(Seminario dos Carvalhos).

AS COSTUREIRAS

não devem renovar as suas assignaturas antes de terem visto o novo jornal de modas *"A Moda Elegante"*

As Agencias de Jornaes

podem dirigir os pedidos de representação á administração da "MODA ELEGANTE" em Paris, 96, boulevard Montparnasse.

Agradecimento

Sempre reconhecidos e muito gratos a todas as pessoas das suas relações e amizade, que se dignaram cumprimentar-nos e assistir ao funeral, que teve logar no dia 6 do corrente, de seu querido e chorado pae, avô, sogro e tio, Manuel Gomes Coentro, agradecem e pedem desculpa de qualquer falta involuntaria, que por esquecimento se tenha dado.

Ovar, 12—2—98.

Padre Manuel Gomes Duarte Pereira Coentro,
Antonio Gomes Duarte Pereira Coentro
Anna Duarte Pereira Coentro
Maria José Duarte Pereira Coentro
Rosa Duarte Pereira Coentro
Margarida Duarte Pereira Coentro
Maria Thomazia Duarte Pereira Coentro (ausente)
Manuel Gomes Duarte Pereira Coentro
Francisco Gomes Duarte Pereira Coentro (ausente)
Maria José Gomes Duarte Pereira Coentro
Roza Gomes Duarte Pereira Coentro
Rosa Correia Pereira Coentro
Antonio d'Oliveira Descalço Coentro
Anna Duarte Pereira Coentro
José Duarte Pereira do Amaral

Agradecimento

Abel Augusto de Souza e Pinho e sua mulher Maria José Coentro e Pinho, agradecem, penhoradissimos, a todas as pessoas que se dignaram honral-os com os seus cumprimentos, por motivo do fallecimento de seu avô Manoel Gomes Coentro, protestando a todos a sua inolvidavel gratidão.

Ovar, 12 de Fevereiro de 1898.

Vallega

Vende-se uma propriedade de cazas com aido, sita em um dos melhores pontos d'esta freguezia. Faz frente para a Feira dos Treze e é propria para qualquer negocio.

Para tractar com os srs. Manuel José Barge ou Fernando dos Thomedias.

Vinho nutritivo de carne

Unico legalmente auctorisado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalisados pelo consugeral do imperio do Brazil. E' muito util na convalescença de odas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e exercita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda nas principaes pharmacias.

XAROPE PEITORAL
JAMES

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO

Reconhecida como precioso alimento reparador e excellente tonico reconstituinte, esta farinha, a unica legalmente auctorisada e privilegiada em Portugal, onde o uso quasi geral ha muitos annos, applica-se com o mais reconhecido proveito em pessoas debeis e idosas.

MAXIME VALORIS

O FILHO DE DEUS

Novo romance de grande sensaçao e edição de luxo em papel de grande formato illustrada com finissimas gravuras francezas

Trez folhas illustradas com 3 gravuras e uma capa, 60 reis pa semana. Cada serie de 15 folhas, com 15 gravuras, em brochuras 300 reis. Dois brindes a cada assignante— «Viagem de Vasco da Gama à India». Descripção illustrada com os retratos de El-rei D. Manoel e de Vasco da Gama, e bem assim com a representação do embarque na praia do Restello em 8 de julho de 1497, e das recepções na India e em Lisboa, e um grandioso panorama de Belem, copia fiel de uma photographia tirada expressamente para esse fim, representando o Rio Tejo e os dois monumentos commemorativos do descrimento da India—a Torre e o Convento dos Jeronymos, etc. A estampa é em chromo e mede 72×60 centimetros.

Brindes aos angariadores de 3, 4, 5, 7, 10 e 20 assignaturaJ nas condicções dos prospectos.

A commissão para os srs. correspondentes é de 20 por cento e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra, e aos dois brindes.

Pedidos aos editores BELEM & C.ª, Rua do Marechal Saldanha 26—Lisboa.

TYPOGRAPHIA

DO

OVARENSE

26, Largo de S. Pedro, 27

Esta casa encarrega-se de todo o trabalho concernente á arte typographica, onde serão executados com primor e aceio, taes como:

Diplomas, letras de cambio, mappas facturas, livros, jornaes rotulos para pharmacias, particpações de casamento, programmas, circulares, facura, recibos, etc., etc.

Tem á venda o Codigo de posturas municipaes do concelho de Ovar, contendo o novo addicionamento, preço 300 reis.
Bilhetes de visita, cada cento, a 200, 240 e 300 reis
De luto, cada cento, a 400 e 500 reis.

EDITORES=BELEM & C.ª—LISBOA

AS DUAS RIVAES

NOVO ROMANCE DE GRANDE SENSAÇÃO

DE

XAVIER DE MONTEPIN

Auctor dos romances—A Mulher do Saltimbanco, Martyrio e Cynismo, As Doidas de Paris, O Fiacre n.º 13, Mysterios de uma Herança, As Mulheres de Bronze, Os Milhões do Criminoso, Dramas do Casamento, As Victimas da Loucura e Crimes de uma Associação Secreta=publicados por esta empreza.

Versão de J. de Magalhães—Dois brindes a cada assignante

1.º brinde no fim do primeiro volume:

PANORAMA DA CIDADE DE LISBOA

2.º brinde a distribuir no fim da obra:

PANORAMA DA CIDADE DO PORTO

Assignaturas—Cada semana serão distribuidas 3 folhas (grande formato) illustradas com 3 gravuras e uma capa pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega,—Cada série de 15 folhas illustradas, em brochura, 300 reis.

Pedidos aos editores BELEM & C.ª, Rua do Marechal Saldanha, 26, Lisboa.

REVISTA AGRICOLA

Orgão dedicado aos interesses, progresso, fomento e defeza da agricultura nacional

Proprietario e director

DR. ANTONIO JOSÈ DA CRUZ MAGALHÃES

A «Revista Agricola» é distribuida na ultima semana de cada mez em fasciculos de 24 a 32 paginas de texto, intercallado com photogravuras, phototypias e gravuras de animaes domesticos, alfaias agricolas, etc.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas adjacentes e Hespanha	3$000 reis
Provincias ultramarinas	4$000 reis
Brazil (moeda forte)	7$000 reis
Paizes fazendo parte da união postal	21 fr.
Fasciculo avulso	400 reis

As assignaturas são pagas adiantadamente, continuando até aviso em contrario.

Não se acceitam assignaturas por menos d'um anno, contando-se estas sempre desde janeiro.

Redacção e Administração, Praça do Marquez de Pombal, 111—Porto.

Agencia central, Livraria Nacional e Estrangeira, rua dos Clerigos, 8 e 10=Porto.

O DOMINGO ILLUSTRADO

HISTORIA E LITTERATURA

de todas as cidades, villas e freguezias do reino,

Condicções de assignatura

Série de 26 numeros . . .	500 reis
Idem de 52 numeros . . .	900 reis

A correspondencia deve ser dirigida ao proprietario A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 2.º—Lisboa.

A MODA ELEGANTE

O Jornal de Modas, o mais completo, dá cada semana 8 paginas de texto

UM MOLDE CORTADO E QUINZENALMENTE UM FIGURINO A CORES

ASSIGNATURAS—Portugal e ilhas:—Um anno 4$000 reis; seis mezes 2$100 reis; tres mezes 1$100 reis; numero avulso 100 reis; com figurino a cores 150 reis.

Toda a correspondencia particular deverá ser dirigida a Guillard, Aillaud & C.ª, em Paris, 96, boulevard Montparnasse. Mas afim de lhes facilitar o pagamento os srs, assignantes de Portugal podem enviar o importe de suas assignaturas em valles do correio á mesma firma, 242, rua Aurea, 1º—Lisboa.

Toda a pessoa que desejar ser agente d'este jornal, pode dirigir a sua proposta aos editores, em Paris, á qual se responderá com a maxima brevidade.

REMEDIOS DE AYER

Vigor do cabello de Ayer—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Peitoral de cereja de Ayer==O remedio mais seguro que ha para cura da *tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.* Frasco reis 1$000, meio frasco 600 reis.

Extracto composto de Salsaparilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrofulas. Frasco 1$000 reis.

O remedio de Ayer contra sezões=*Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer=O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TONICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquisita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as affecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho

SABONETES DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes. — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

PREÇOS BARATOS

VermifuGo deB.L.Fahnestock

E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

SABONETES GRANDES DE GLYCERINA MARCA «CASSELS».—Amaciam a pelle e são da melhor qualidade, por preços baratissimos. Deposito geral: James Gassels e C.ª, Rua do Mousinho da Silveira, 85, Porto.

Perfeito Desinfectante e purificante de JEYES para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes, e cura feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias—Preço 240 reis.

CACAU AMERICANO

E' ao mesmo tempo uma bebida estimulante e um alimento mais nutritivo que qualquer outra bebida. E' leve, fino, facil de digerir e completamente livre de alkali, ou qualquer outra materia extranha. Este cacau americano é mais commodo e mais barato que chocolate, café ou chá, e não excita os nervos como estes.

As pessoas que tomarem este cacau uma vez, jamais deixarão de o preferir ao chocolate, café ou chá, pois reconhecerão as suas qualidades nutritivas e agradavel paladar.

Unicos agentes em Portugal, James Gassels e C.ª Rua do Mousinho da Silveira, 85, Porto.

Séde da Redacção, Administração e Typographia, Largo de S. Pedro, n.ºs 26 e 27—OVAR.